

SONHOS E VISÕES EM MEIO A PERSEGUIÇÕES E RESISTÊNCIAS: Uma leitura de Daniel 2-7

**Professor da PUC-SP, Instituto Teológico Pio XI e ITESP e assessor do CEBI.*

*Rafael Rodrigues da Silva**

Resumo:

Rafael Rodrigues lança mão da história das mentalidades – valor do cotidiano, do imaginário e das visões – para compreender o sentido subjacente a Dn 2-7. O autor do livro de Daniel está muito familiarizado com a época de Antíoco Epífanes IV – 175 a 164 a. C. mas o material utilizado remete, na forma de uma leitura crítica, a acontecimentos dramáticos da história do povo de Israel desde o século VIII a. C. Os sonhos e suas interpretações são então recursos para esta leitura teológica dos acontecimentos vividos naquele momento pelo povo de Israel. Para Rodrigues da Silva, esta literatura apocalíptica e os sonhos nela buscam de um lado criticar as propostas ilusórias do poder dos impérios e ao mesmo tempo lançar uma luz para o futuro como um lugar de tempos novos, de esperanças.

Palavras-chave: Antigo Testamento: Daniel; Daniel: Sonhos; Bíblia: história das mentalidades

Abstract:

Rafael Rodrigues deals with the history of mentalities theory – meaning of the day-by-day issues, the imaginary and popular visions – in order to understand the underlying meaning of Dn 2-7. Daniel book author is at home with the Antiochus IV Epiphanes IV time – 175 to 164 b. C. – but the writings present, under the form of a critical lecture, some dramatic events of the Israel history since the 8th century b. C. Dreams and interpretations are in this way tools for a theological lecture of the last

happenings in the Israel people life. To Rodrigues this apocalyptic literature and its dreams try at the same time be critical to the delusionistic proposals of the imperial powers and also cast some lights into the future as a place of hope.

Key-words: Old Testament: Daniel; Daniel: Dreams; Bible: interpretation

INTRODUÇÃO

Pretendemos nesta leitura buscar um caminho de compreensão dos sonhos e das visões que perfazem as imagens e símbolos apocalípticos que emergem no livro de Daniel. Sonhos que a partir do cotidiano dos grupos oprimidos revelam de um lado, as marcas da opressão e da desmesurada violência e, de outro lado, o imaginário de resistência e os projetos de esperança.¹

Deveremos ler as imagens apocalípticas até o ponto de nas entrelinhas perceber as marcas da opressão e ouvir as vozes, a fala, os projetos do povo. Ler até ser capaz de *ouvir as pessoas conversando*. Ler até percebermos a relação entre visão e realidade.

A hipótese que quero propor é de que a literatura apocalíptica é um pensamento situado. Ou seja, as imagens e representações são produto de um contexto sócio-histórico-cultural específico. Tanto o trabalho hermenêutico do receptor (ler, escutar, refletir, discutir e interpretar) quanto o produto do mesmo tem o seu chão.

Ao estudarmos os textos apocalípticos na perspectiva da história das mentalidades teremos de perscrutar a visão de mundo subjacente na conjuntura social dos grupos que produziram os seus respectivos sonhos e visões. Assim, uma leitura e exegese dos sonhos na literatura apocalíptica têm de levar em conta esta conjuntura e abrir um leque de possibilidades e intermediações entre as várias instâncias que abordam e apresentam a realidade. Portanto, nunca podemos pensar que o imaginário seja o impensado ou o não expresso, pois ele se apresenta na representação e interpretação da linguagem e da realidade. É uma leitura que brota do cotidiano.² É a expressão do pensamento que se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade.³ Mesmo sabendo que as imagens e os discursos sobre o real não expressam a realidade como um fiel espelho, pois são nada mais que uma interpretação que vem carregada de apreciações, conhecimentos e interesses. O imaginário diz o não-dito, o não-implícito e o ausente. Nesta perspectiva podemos dizer que o real é ao mesmo tempo concretude e representação para além do aparente.

¹ O domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam. Isto é, cada cultura, portanto, cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário... Cf. E. PATLAGEAN, A história do imaginário. In LE GOFF, J. (Ed.), *A história nova*. São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 291.

² Vale salientar que o cotidiano não pode ser entendido simplesmente como rotina, continuidade e processo de massificação dentro da sociedade, mas deve ser entendido como sinal de rupturas, mudanças, dissolução de culturas e possibilidade de novos modos de ser. Portanto, ler os textos do passado perguntando pelo cotidiano implica em dar voz e trazer à tona as experiências dos grupos que foram marginalizados e silenciados pelas elites locais e pelos impérios. Devemos entender o cotidiano como descontinuidade e re-criação das possibilidades e da construção da sociedade. Veja alguns aspectos e questionamentos apresentados por M. O. SILVA DIAS. *Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea*. Em *PROJETO HISTÓRIA*, 17 (1998), pp. 223-258.

³ Cf. H. VÉDRINE. *Les grandes conceptions de l'imaginaire*. Paris, Librairie Général Française, 1990, pp. 5-6; J. LE GOFF. *L'histoire et l'imaginaire*. Entretien avec Jacques Le Goff. In CAZENAV, M. et alii. *Mythes et histoire*. Paris, Albin Michel, 1984, pp. 55-56; J. LE GOFF, *L'imaginaire medieval*. Paris, Gallimard, 1985.

⁴ Cf. J. PIXLEY, O aspecto político da hermenêutica. Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 32, (1999), pp. 85-100.

⁵ Segundo P. Bourdieu, a eficácia simbólica de um discurso consiste no poder concentrado do grupo que o enuncia e na pretensão de agir sobre a realidade. Cf. P. BOURDIEU, *Ce que parler veut dire*. Paris, Fayard, 1982; P. BOURDIEU, *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

⁶ *As percepções do social [...] produzem estratégias e práticas que tendem [...], a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas... Pode-se pensar uma história cultural do social [como] representações do mundo social que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse*. Cf. R. CHARTIER, *A história cultural*. Entre práticas e representações. São Paulo, Difel, 1990, pp. 17 e 19.

⁷ Cf. B. BACZKO. *Les imaginaires sociaux*. Paris, Payot, 1984, p. 8.

⁸ Cf. H. DE WIT. Quem é o Deus que tem o poder de vos libertar das minhas mãos? (Relendo Daniel 3). Em *RIBLA*, 2 (1988), pp. 29-47.

⁹ Cf. H. DE WITT. Brilharão os entendidos... – O livro de Daniel: perseguição e resistência. Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, n.35/36 (2000), pp. 136-152.

¹⁰ Para uma abordagem do contexto histórico subjacente à literatura apocalíptica. Cf. J. S. CROATTO, *Apocalíptica e esperança dos oprimidos* (Contexto sócio-político e cultural do gênero apocalíptico). Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 7 (1990), pp. 8-21.

Ao nos aproximarmos destes textos como construção de um projeto político,⁴ manifestação das lutas sociais e conflitos de poder⁵ e, sobretudo, enquanto formas de percepção do social,⁶ veremos que os fatos históricos chegaram até nós como discurso e interpretação da realidade. Portanto, quanto mais distante estamos do acontecimento, mais difícil é restaurar o real vivido em sua integridade. Por isso, na busca de uma interpretação dos sonhos e visões apocalípticas presentes no cotidiano dos grupos que produziram o livro de Daniel temos a difícil tarefa de restaurar o real. Por isso, ao trilharmos pelas sendas do imaginário e das esperanças apocalípticas enquanto superação da opressão, queremos reimaginar o imaginado. Nesta perspectiva teremos de ler os sonhos enquanto o outro lado da realidade e a projeção utópica de uma sociedade diferente, radicalmente outra. É o projeto de um mundo em tudo melhor que o mundo real. *Sonhar uma sociedade perfeitamente transparente na qual os princípios fundadores se reencontrariam em todos os detalhes da vida cotidiana de seus membros, uma sociedade na qual a representação seria a imagem fiel, senão o simples reflexo de sua realidade, é um tema constante das utopias ao longo dos séculos. A permanência deste sonho é uma prova em contrário de que nenhuma sociedade, nenhum grupo social, nenhum poder são precisamente transparentes para si próprios.*⁷

Hans de Wit nos aponta que uma das chaves da literatura apocalíptica seja escrever *para que os fatos não se apaguem, para que a memória não seja varrida pelo vento* frente à desmesurada violência. Assim, a literatura apocalíptica figura como literatura de resistência (com os seus símbolos e metáforas) capaz de articular a realidade fazendo audível o inaudito e devolver o verdadeiro sentido de textos fechados que serviam apenas para legitimar a grande resignação.⁸ O livro de Daniel é uma coleção fascinante de histórias populares sobre a resistência dos judeus numa época de colonização e diáspora.⁹

A CONJUNTURA DE ONDE BROTA A LEITURA APOCALÍPTICA DE DANIEL

Primeiramente vamos fazer uma retrospectiva histórica¹⁰ a partir das ações dos impérios que dominaram e determinaram a vida do povo de Israel e de Judá.

A grande catástrofe na história do povo de Israel e de Judá há de ser a experiência do exílio promovido pelos impérios assírios e babilônico. Estes sabem destruir e destroçar os povos pela força da invasão militar. O império assírio-babilônico (740 a.C. a 538 a.C.) inicia os seus desmandos em Israel por volta do ano

740 com investidas militares, dando início a um processo de vassalagem¹¹ que vai culminar na grande deportação e crise promovida por Nabucodonosor (597 a.C a 586 a.C.). A grande novidade no jeito de dominar foi trazida pelos persas (538 a.C. a 333 a.C.) que elabora uma política de *favores* e *concessões*. O alvo principal dos persas é a ampliação do seu poder econômico com o auxílio e colaboração dos deportados que perderam suas raízes, sua identidade e religião. O edito de Ciro (Esd 1,2-4; 6, 3-5 e 2 Cr 36,22-23) que muitas vezes lemos como ato de benevolência dos persas para com o povo, no entanto, faz parte dos projetos econômicos dos persas. Se o lermos atentamente veremos que Ciro decreta duas medidas: a volta dos utensílios de ouro e prata e toda a riqueza do templo que estavam sob o poder de Nabucodonosor e a reconstrução do templo. Os persas objetivam controlar a nova rota comercial: do ouro e da prata.

O controle promovido pelos persas do ouro e da prata se dá através de um projeto de concessões religiosas. A religião do templo está totalmente dominada pela ideologia persa. O templo é de ouro e prata e a lei de Deus imposta ao povo pelo projeto de Esdras e Neemias equivale à lei do rei. Ciro é apresentado para o povo como ungido e enviado por Deus. Outra novidade instaurada pelos persas no projeto de dominação dos povos conquistados reside no processo de monetarização da economia. São os persas que inauguraram a cobrança de tributos em moeda. O templo passou a funcionar como local do câmbio. Lá se troca mercadoria por moeda. O produto do povo vira moeda. E aos poucos o povo não tendo como pagar os tributos que se tornaram pesados e principalmente carregando um grande sentimento de culpa e pecado acabam atolados numa grande espiral de endividamentos. Os camponeses em poucos anos ficaram endividados. O endividamento pela moeda.

Ao lermos Neemias 5 nos deparamos como a política persa em poucos anos aniquilou o povo camponês. Eis o império da monetarização da economia e dos favorecimentos religiosos. Os persas têm um forte projeto de arrecadação e para tal utiliza destes mecanismos de favores. No entanto, esta política tem preço. Em Ne 5,1-5 um grande clamor do povo diante da situação em que foram submetidos. É um protesto a partir das marcas e chagas profundas advindas da dívida e do projeto persa. Aqui são apresentados os diferentes níveis deste processo de endividamento, que vai da fome à autodestruição das famílias. *Somos obrigados a empenhar nossos campos... tomar dinheiro emprestado para pagar imposto... entregar nossos filhos e filhas como escravos...*

Alguns se beneficiam, enquanto que muitos, homens, mulheres e crianças do povo estão gritando contra uma situação que chegou ao extremo.

¹¹ Acerca do processo de vassalagem promovido pelos assírios e babilônios em Israel veja o artigo de Ludovico Garmus. Cf. L. GARMUS, O imperialismo: estrutura de dominação. Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 3 (1989), pp. 7-20; H. DONNER, *História de Israel e dos povos vizinhos*. Petrópolis/São Leopoldo, Vozes/Sinodal, 1997, vol. 2, pp. 331-442; M. SCHWANTES, *Sofrimento e esperança no exílio*. História e teologia do povo de Deus no século VI a. C. São Leopoldo/São Paulo, Sinodal/Paulinas, 1987.

Os gregos (333 a.C a 63 a.C.) chegam com audácia e com a grande estratégia militar de Alexandre Magno. Este sabe a arte de dominar. Quando Alexandre nasceu a Macedônia estava no auge de seu expansionismo e queria dominar a Grécia. Felipe II era muito ambicioso e Olympia, sua mulher, educou Alexandre inculcando em sua cabeça que ele era filho de deus e que ele foi gerado por deuses. E, mais tarde, cada canto que ele visitava ia comprovar se era verdadeiramente filho dos deuses. É a ideologia das estrelas: eu sou filho dos deuses. Aos 18 anos Alexandre ajudou seu pai a conquistar a Grécia. E com a fama de bom militar, foi ganhando simpatia e astúcia nas intrigas. O verdadeiro inimigo de Alexandre era o rei persa, Dario III. Este sempre fugia de Alexandre. Aonde Dario III ia, Alexandre conquistava. Ao fugir indicava os lugares que Alexandre queria conquistar. A estratégia militar consistia na não captura de Dario III para dominar o seu reino. E com as suas conquistas a língua grega ficou dominante e a filosofia e a visão de mundo dos gregos foi penetrando. Aí germina o helenismo.

Na cosmovisão de mundo, as conquistas de Alexandre alargaram os horizontes e a política e a filosofia passaram a ser divinizadas. Acontece a invasão cultural e o comércio de gente. Gente é mercadoria (por que matar se posso vender!).¹²

¹² Em 2 Mac 8,10 vemos que uma das intenções do general opressor é conseguir judeus para vender e pagar as suas dívidas com os romanos.

É no contexto da dominação grega de Alexandre e de seus generais (descritos na visão apocalíptica de Daniel como a *quarta besta* – Daniel 7,19) que vai emergir como força a literatura apocalíptica no imaginários dos grupos que resistem. Os generais Ptolomeus (do Egito) e Selêucidas (da Síria) trouxeram para a Judéia um programa sistemático de exploração econômica e uma política de imperialismo cultural. Este foi um dos fatores que ameaçou o modo de vida tradicional dos judeus e, conseqüentemente, se tornou o estopim da revolta do povo promovida pelos Macabeus. Aos poucos a Judéia foi sendo transformada numa importante fonte de fundos para os generais que estavam em desesperada necessidade econômica (podemos incluir aqui a menção que aparece em 2 Macabeus 8,10). A desesperada necessidade dos generais resultou no aumento do encargo tributário e na criação de tensões intoleráveis na sociedade judaica. *A Judéia não era mais um ethnos, um povo que se distinguia dos outros, vivendo de acordo com as suas leis avitas, não participando nem cultural nem economicamente da civilização dominante. Jerusalém (juntamente com a Judéia) era agora uma polis, cuja corporação de cidadãos gozava de governo autônomo e participava do comércio entre cidades e compartilhava as instituições e celebrações culturais com outras cidades do império.*¹³

¹³ Cf. R. A. HORSLEY – J. S. HANSON, *Bandidos, Profetas e Messias*. Movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo, Paulus, 1995, p. 30.

generais selêucidas (1 e 2 Mac e 3 e 4 Mac) não se reduz às condições econômicas e políticas, é em grande parte de ordem cultural. Em 1 Mac 1,10-15.41-51 nos são descritas as novas formas de vida trazidas pelos helênicos e que modificou costumes e tradições. Uma maneira dos diferentes segmentos da sociedade judaica resistirem a esta avalanche cultural se apresenta na elaboração de contos que revaloriza e ressignifica os seus heróis e antepassados. Nesta perspectiva podemos entender a grande semelhança entre o Daniel, interpretador de sonhos com a novela de José do Egito que é vendido por seus irmãos e que se torna de prisioneiro a ministro do faraó através da façanha de interpretar os sonhos do faraó. Evidentemente que existem grupos que optam pelo enfrentamento armado e outros que se fortalecem através das expectativas da reviravolta histórica presentes na resistência ideológica e contracultural da literatura apocalíptica.

No seu comentário ao livro de Daniel, Hans de Wit afirma que são poucos os anos que constituem o transfundo histórico e o cenário político do livro de Daniel. São os dez anos sob o poder e opressão do último chifre que surge na cabeça da última besta, a mais terrível que blasfema contra os santos do Altíssimo. Estes são os anos sob o poder massacrador de Antíoco Epífanes IV (175-164).¹⁴ De forma brilhante, com muita sagacidade e sabedoria, os grupos apocalípticos têm um jeito todo especial de descrever os fatos históricos. É o que podemos perceber pelas marcas e características deste trabalho no livro de Daniel. A profecia apocalíptica de Daniel que analisa a conjuntura e os conflitos nos dias de Antíoco Epífanes IV, não menciona o tirano e opressor em momento algum do livro, pois *o texto é produzido no momento de crise em que vive o leitor (grupo/comunidade), mas a 'revelação' é projetada para um momento arquetípico (origens, exílio, etc.)... O livro de Daniel é produzido no II século a.C., durante as perseguições de Antíoco Epífanes, mas os 'acontecimentos' (revelação a Daniel da seqüência dos impérios até a chegada do reino dos santos/Israel) ocorre durante o exílio.*¹⁵ Por isso que o autor do livro de Daniel demonstra mais conhecimento acerca da conjuntura dos anos 175 a 164 a.E.C. do que dos acontecimentos ao redor da invasão e dominação de Nabucodonosor. Nesta perspectiva, podemos dizer que o grande eixo que permite o autor elaborar este jogo com a história, com os fatos e os acontecimentos é a dominação estrangeira.

A história que descreve já ocorreu, já passou. Os quatro reinos já nasceram e se desvaneceram. Nabucodonosor já veio a Jerusalém já faz tempo, Dario, 'o medo' já morreu faz tempo. Tudo que o autor de Daniel relata pertence ao passado, tudo menos

¹⁴ Cf. H. DE WIT. *Libro de Daniel*. Una relectura desde América Latina. Santiago, Santiago/Rehue, 1990, p. 15.

¹⁵ Cf. J. S. CROATTO. *Apocalíptica e esperança dos oprimidos*, op. cit., p. 16.

¹⁶ Cf. H. DE WIT. *Libro de Daniel*, op. cit., p. 29.

¹⁷ É comum dizer que a primeira parte do livro de Daniel (Dn 1-6) se configura como uma série de releituras desde a época persa e que servem para introduzir a segunda parte (Dn 7-12) que contém visões apocalípticas. As narrativas dos capítulos 1-6 de Daniel quase que podem ser lidas como narrativas independentes e que revelam grandes conhecimentos dos costumes mesopotâmicos na época persa. Os nomes gregos dos instrumentos musicais no capítulo 3 (v.4.7.10 e 15) sugerem um período posterior ao processo de helenização (mesmo que seja ao redor ou um pouco antes do grande poderio de Alexandre Magno). Cf. H. DE WIT. Quem é o Deus que tem o poder de vos libertar das minhas mãos?, op. cit., p. 31.

¹⁸ Se compararmos a estátua e a visão dos animais no capítulo 7, é comum chegar à conclusão que a apocalíptica de Daniel descreve as imagens do poder e a sua ação na sociedade.

¹⁹ Podemos situar este texto entre os anos 198-167 a. C. (momentos antes da guerra dos macabeus), pois no relato de 2 Macabeus 4,7-50 encontramos a descrição das manobras que muitos membros da elite – principalmente o grupo de Jasão – começaram a fazer para conseguir privilégios e mais poder. *Obtido, assim, o consentimento do rei, ele, tão logo assumiu o poder, começou a fazer passar seus irmãos de raça para o estilo de vida dos gregos* (v.10). Diante dos fracassos nas alianças e o não pagamento de dívidas, Antíoco Epifanes IV começa a agir com repressão.

*uma coisa: a morte do opressor atual, o fim da tribulação e o nascimento de um mundo novo!*¹⁶ Por isso, estamos lidando com um livro que tenta ler as marcas da opressão no tempo presente fazendo uma incursão no contexto de dominação no exílio da Babilônia sob o poderio de Nabucodonosor.¹⁷

OS SONHOS DE NABUCODONOSOR. UMA LEITURA DE DANIEL 2 E 4

O capítulo 2 de Daniel nos apresenta o sonho do rei: uma grande estátua com cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de cobre, pernas de ferro e pés de ferro e de barro. Eis uma narrativa de sonho e visão que se apresenta interligada com os capítulos 1 e 3.¹⁸ A partir da oração de Daniel 2,20-23 podemos perguntar pela crise e pelas necessidades que o grupo estava passando. Uma das imagens de opressão que aparece neste capítulo está no decreto de rei de exterminar os sábios, pois não conseguem descobrir o sonho nem descrever a sua interpretação. E as ameaças são de extrema violência: *sereis executados* (2,5) e *as vossas casas reduzidas a ruínas* (2,5). O início do capítulo deixa transparecer pela apresentação dos diferentes grupos de sábios (magos, astrólogos e encantadores) que já existe um processo de helenização através do controle da sabedoria. Diante do fracasso dos sábios, o processo de helenização vem com toda força.¹⁹

Mas os grupos apocalípticos sabem muito bem interpretar o sonho do grande rei. Interpretam na certeza de que o poder dos tiranos, dos injustos e dos que corrompem a economia e a política é frágil e debilitado. Tem limites... a estátua tem pés de barro e de ferro! No capítulo 2, o sonho da grande estátua e a interpretação que só Daniel conseguiu apresentar está carregada de ironia e sabedoria. Um primeiro aspecto: a estátua tem pés de barro e de ferro e, por isso, representa um reino dividido. A leitura da conjuntura que está germinando nos grupos e comunidades resistentes aos desmandos do poder está no reconhecimento de que o império ou os generais que agora estão no comando são frágeis e divididos entre si. A luta por mais poder entre Lágidas e Selêucidas significou divisão e uma perspectiva de independência e liberdade para os grupos nacionalistas e fiéis à lei. Não só os pés são de barro e de ferro, mas também os dedos...

A grande imagem que perpassa pela desconstrução do poder e a construção de um novo projeto que reside na pedra que foi lançada *sem mão (sem poder)* e que se transformou num monte. Eis um oráculo político que destitui os poderes e diz que o poder tirano que está imperando no momento com a força (das armas e da ideologia) tem pés de ferro e de barro. E uma

pedra sem mão, sem força e sem poder, é capaz de destruir o grande poder tirano e opressor. É anunciado aquele que porá fim ao sofrimento, à situação de crise e ao poder que persegue. É o projeto que vem pela força direta de Deus. A pedra que reduziu a pó o ferro, o bronze, o barro, a prata e o ouro, representa um reino que Deus irá estabelecer *no fim dos dias*.²⁰ A descrição e interpretação do sonho têm por detrás uma conjuntura: de um lado, a perseguição e afronta de Antíoco IV Epífanes e, de outro, a resistência e levante dos Macabeus. O livro de Daniel não é necessariamente um manifesto macabeu, mas é um livro que quer orientar, fortalecer os oprimidos a resistir e enfrentar os desmandos do império. E para tal resistência contam com dois saberes: 1. a fragilidade do império reside nos seus conflitos internos e políticos de disputa pelo poder e, 2. temos o auxílio e a força de nosso Deus. *Nos dias destes reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído, e este reino não passará a outro povo: esmiuçará e consumirá todos estes reinos, e será estabelecido para sempre...* (v.44-45). A partir do imaginário e dos projetos de esperança do povo podemos dizer que a pedra que se desprende da montanha queria se referir àqueles que enfrentam e lutam contra Antíoco IV Epífanes.²¹

No capítulo 4 vamos encontrar um relato que faz uma releitura da parábola da árvore descrita em Ezequiel 31,3-17. Aqui temos a forma como os impérios se apresentavam para os súditos e dominados. Eis uma árvore grande no centro da terra com suas folhagens, seus frutos e a sombra que fornece aos animais e às aves que fazem ali seus ninhos e que alimenta a todos (v. 11-12). Na interpretação, a árvore que cresceu, que se fez forte (com suas folhas e frutos abundantes) e que se tornara habitação para todos animais do campo e aves do céu, *és tu, ó rei, que crescestes, e te fizeste forte; a tua grandeza cresceu e chegou até ao céu, e o teu domínio até à extremidade da terra* (4,22). Eis um exemplo de como era descrito o grande poderio de Alexandre.

Lendo atentamente a narrativa do sonho da árvore veremos que o texto em sua forma, pode ser dividido em duas partes: dos v.1-14, o relato do sonho e dos v.15-34, a interpretação de Daniel. O jeito de iniciar a narrativa tem algo em comum com o capítulo 2, por exemplo, o sonho que deixa o rei perturbado, o decreto e convocação dos magos, estes que não dão, a saber, a interpretação, a apresentação de Daniel, a intervenção divina (no capítulo 2 nos apresenta a pedrinha sem mão humana; aqui aparece o vigilante e no final do texto aparece a voz que caiu do céu). No capítulo 2, Daniel se apresenta no intuito de interpretar o sonho e é reconhecido como aquele a quem foi revelado o segredo; aqui em nosso capítulo, Daniel é aquele *que tem o espírito dos deuses santos* e é o *chefe dos magos*.

²⁰ Cf. N. COHN. *Cosmos, Caos e o mundo que virá*. As origens das crenças no Apocalipse. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 222.

²¹ *O mais provável é que se refira ao povo de Deus que luta contra Antíoco IV Epífanes, povo camponês em armas, liderado pelos Macabeus. O povo está lutando e vencendo não só por suas próprias forças mas também pela força de Deus. É isto que acentuam os dois livros dos Macabeus... É Deus, através do povo em luta, que põe fim à perseguição de Antíoco IV Epífanes.* Cf. P. RICHARD. O povo de Deus contra o império. Daniel 7 em seu contexto literário e histórico. Em *REVISTA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA LATINO-AMERICANA*, 7 (1990), pp. 28-29.

O sonho está descrito nos v.7-14. Nos versículos 7-9, o texto nos apresenta a visão da árvore grande no centro da terra e descreve as suas folhagens, seus frutos, a sombra que fornece aos animais e as aves que fazem ali seus ninhos e que alimenta a todos (releitura apocalíptica de Ez 31,3-17). Nos v.10-14, no sonho, é descrita a aparição de um vigia, um santo que descia do céu. No Primeiro livro de Henoc encontramos a referência aos vigilantes que em algumas passagens quer indicar *anjos caídos* do céu e em outras passagens quer indicar *os que não dormem*.²²

²² Cf. A. DIEZ MACHO (Ed.), *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madrid, Cristiandad, 1984, Tomo 4, p. 40. As referências de Henoc são: 1,5; 10,9.15; 12,4; 13,10; 14,13; 15,2; 16,1.2; 91,15.

Podemos perceber três aspectos na fala do vigilante: a derubada da grande árvore; somente ficará na terra o toco e as raízes com cadeias de ferro e bronze; e a mudança de coração de homem para coração de fera (animal).

Que grupo conserva esta tradição de comparar o crescimento do império com uma árvore grande que chega aos céus? Que grupo conserva a tradição de falar da mudança do coração do rei em coração de animal? Penso que estamos diante de uma tradição anterior aos anos do reinado de Antíoco IV Epífanes. Podemos pensar na expansão empreendida por Antíoco III (223 a 187 a.C.)? (pelo menos, no que se refere à árvore que cresceu e se tornou forte). Pelos louvores e reza no final do capítulo, podemos pensar num grupo ligado à reza nas sinagogas e que estariam transmitindo esta tradição.

Nos versículos 25-27 nos é apresentada a palavra do rei confirmando a sua grandeza. E nos v. 28-29 nos deparamos com uma voz que caiu do céu confirmando a interpretação dada por Daniel no que se refere à fala do vigilante. O v. 30 vem confirmar esta voz do céu, *no mesmo instante cumpriu-se a palavra*. Já os v. 31-34, ao dizer que a razão voltou ao rei, quer apontar para a conversão do rei que bendiz e louva o Altíssimo.

Neste capítulo, a comunidade ou grupo apocalíptico ironiza a grandeza e o poder dos tiranos através da descrição da grande árvore, bem como na transformação do grande tirano num animal (boi) que vai pastar por sete anos até que reconheça que é o Altíssimo que tem todo o domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer. Por fim, descreve o que a comunidade pensa concretamente acerca da conversão: caminhar na justiça e desfazer as iniquidades usando de misericórdia (*hanan*) para com os pobres (*anayin* = miseráveis). São práticas difíceis de acontecer na vida e nos projetos dos imperadores e, principalmente, na elite local que se arvora de poderosa. Neste sentido, a esperança do grupo apocalíptico talvez está na ação do vigilante: cortar a árvore! Eis que o império está cortado e derrubado!

O SONHO DE DANIEL (DN 7). UMA DESCRIÇÃO DO IMPÉRIO, DO SEU FIM E O NASCIMENTO DE MUNDO NOVO!

Daniel 7 nos apresenta em forma de sonho as ações dos impérios na história.²³ São verdadeiros animais ferozes e esquisitos que dilaceram, esmagam e engolem o povo. Mas são animais que não existem: leão com asas de águia, urso com costela na boca, leopardo com quatro asas e quatro cabeças e um animal terrível com dentes de ferro e dez chifres; mas que insistem em existir na realidade e contexto da vida do povo. Esses animais têm aspecto de homem, têm muito poder, devoram e fazem em pedaços. Mas o texto nos convida a dar maior atenção ao quarto animal. Este sim é terrível, pois além de triturar tem um chifrinho poderoso que tem olhos e boca. Aí está a grande ação do império. É um poder que passa pelos olhos e pela boca. Seu domínio e ação não são manifestos simplesmente na violência e repressão, mas no poder ideológico.

A grande oposição apresentada no texto se dá entre a humanidade e os animais (as grandes feras contra o humano) que se traduz na resistência das comunidades (povo fiel e justo) contra os impérios.²⁴ Já é notório nas várias interpretações deste capítulo de Daniel que os quatro animais representam os impérios babilônico, medo, persa e grego.²⁵ Por detrás da descrição de cada animal, afirma-se as imagens e marcas da opressão experienciada pelos grupos que resistem.

O leão com asas de águia²⁶ (o império assírio-babilônico) traz as marcas de guerra, invasão, deportação e destruição. As imagens do leão com asas de águia e que foi posto de pé como um homem e recebeu um coração de homem representa a repressão e o medo. Vemos que o texto de Daniel não se fixou num rei específico, mas quer descrever o medo e o grande poder babilônico. Parece que esta imagem (Dn 7,4) quer ilustrar a descrição do poder e glória de Nabucodonosor: *Ó rei! Deus, o Altíssimo, deu a Nabucodonosor, teu pai, o reino, e a grandeza, e a glória e a magnificência. E por causa da grandeza, que lhe deu todos os povos, nações e línguas tremiam e temiam diante dele: a quem queria matava, e a quem queria dava a vida; e a quem queria engrandecia, e a quem queria abatia* (Dn 5,18-19). O leão e a águia representam o império que exhibe o seu poder, intimida o povo pela brutalidade, age com violência e derrama muito sangue.²⁷

O urso (7,5) se levanta para devorar ainda mais. É um animal que precisa de mais comida para saciar a sua fome de expansão. Eis um animal terrível: abraça, agarra e esmaga. Assim, a apocalíptica quer descrever as marcas das ações do império medopersa. Representa os inícios das ações de Ciro e de Dario. Estes

²³ Veja o comentário de P. RICHARD. O povo de Deus contra o império, op. cit., pp. 22-40.

²⁴ É muito importante perceber as semelhanças entre Daniel e o livro de Henoc (principalmente o Livro dos Sonhos – 1 Henoc 83-90) no tocante à descrição das ações dos impérios e dos animais que devoram e impõem medo.

²⁵ *O livro de Daniel tem dois erros históricos: põe Baltazar como filho de Nabucodonosor e o império medo como posterior ao babilônico... em termos gerais, o império medo não é sucessor mas coetâneo do império babilônico: os medos ao norte e os babilônicos ao sul.* Cf. P. RICHARD, O Povo de Deus contra o império, op. cit., p. 34.

²⁶ Esta imagem se encontra nas reproduções de arte assírio-babilônicas. Conhece-se, por exemplo, a existência de leões alados que guardam a entrada dos palácios de Assurbanipal. Cf. M. DELCOR, Les sources du Chapitre VII de Daniel. Em *VETUS TESTAMENTUM*, 18 (1968), n° 3.

²⁷ Na profecia de Jeremias encontramos uma comparação das ações de um leão com os impérios assírio e babilônico: *Cordeiro desgarrado é Israel: os leões o afugentaram. O primeiro a devorá-lo foi o rei da Assíria; e por último, Nabucodonosor, rei de Babilônia, lhe quebrou os ossos* (Is 50,17; cfr. 49,19).

²⁸ Cf. W. KELLNER. *O Filho do Homem*. A mensagem político-teológica de Jesus. São Paulo, Paulinas, 1987, p. 26. Para a descrição das ações do império persa, veja-se M. NOTH. *História de Israel*. Barcelona, Garriga, 1966, pp. 275-318; S. HERRMANN. *Historia de Israel en la época del Antiguo Testamento*. Salamanca, Sigueme, 1985, pp. 381-432.

causaram o impacto de serem benevolentes, se engrandeceram e alargaram seu campo de ação. No entanto, em poucos anos transformaram o poder em terror.²⁸ O leopardo com suas quatro cabeças pode representar o império persa com toda a sua organização e domínio muito bem articulado. Seu jeito veloz e suas asas demonstram a rapidez e astúcia no jeito de dominar dos persas.

Toda a atenção do sonho e da interpretação, no que se refere às marcas e sinais da opressão, se dá na descrição do quarto animal. É o animal terrível, medonho, e extraordinariamente forte: tem dentes de ferro que tritura e devora e pisoteia com os pés o que sobrava. Este animal representa todo o domínio helênico de Alexandre Magno, que chega com audácia, estratégias militares e com a arte de dominar, como já vimos anteriormente.

Vamos agora descobrir o imaginário de resistência e os projetos de esperança que estão brotando no cotidiano destes grupos que apostam na arte de sonhar e construir um projeto diferente de sociedade. No sonho há espaço para celebrar e contar a vitória. Sonho e projeto alternativo que brotam da vinda do Filho do Homem e dos Santos do Altíssimo. Sonho que brota da derrocada dos impérios. Sonhos que brotam das lutas destes grupos por independência política, econômica e religiosa. Sonhos que o império não conseguiu apagar.

O sonho enquanto resistência contracultural nos apresenta a expectativa do fim dos impérios e a vinda do Filho do Homem.

Quem é este filho do homem (*bar-enosh*)? O livro de Daniel pode ser datado entre a segunda campanha de Antíoco IV Epífanes contra o Egito em 167 a.C. e a sua morte em 164 a.C. Se em Daniel 2 temos sonhos e visões que apresentam uma interpretação alegórica e o projeto da comunidade de um reino que nunca será destruído, agora, em Daniel 7, está expresso na figura do filho do homem que este irá pôr fim à ação dos impérios e, principalmente, do pequeno chifre que fala blasfêmias e persegue os *santos do Altíssimo*. Porém entre os capítulos 2 e 7 encontramos uma série de narrativas, sonhos e visões que descrevem uma profecia de transformação política.

As visões ao redor da ação do *bar-enosh* têm a intenção, no âmbito dos projetos e da vida da comunidade apocalíptica, reconfortar os fiéis perseguidos através de uma certeza: da mesma maneira que os impérios assírio, dos medos, babilônicos, persa e grego passaram, a ação violenta e assassina dos selêucidas logo seria coisa do passado. Assim, *bar-enosh* se torna a grande expressão no imaginário do povo de se opor aos impérios. Os *santos do Altíssimo* e *povo dos Santos do Altíssimo* irão se apresentar com as mesmas características do filho do homem.²⁹

No entanto, no imaginário de construção de um projeto de esperança, o *filho do homem* representa uma forte oposição aos

²⁹ Cf. J. J. COLLINS. *The Apocalyptic Imagination: An Introduction to the Jewish Matrix of Christianity*. New York, Crossroad, 1984, p. 84.

impérios e o grande sinal da derrocada deste para sempre. Em 1 Henoc encontramos a afirmação de que a ação de justiça do filho do homem consistirá na expulsão dos poderosos, nobres e fortes dos seus tronos com as benesses de um projeto explorador, invasor e aniquilador das consciências e da identidade.

Naquele lugar, vi Aquele a quem pertence o tempo antes do tempo. Sua cabeça era branca como a lã e com ele estava outro indivíduo, cujo rosto era como o de um ser humano, mas cheio de graça como um dos santos anjos. Perguntei a um dos santos anjos, que ia comigo e me mostra todos os segredos, acerca daquele filho do homem, quem é este? De onde vem? E por que ia com aquele que pertence o tempo antes do tempo? Me respondeu assim: este é o filho do homem a quem pertence a justiça e em quem vive a justiça... este filho do homem que viste é aquele que expulsará os reis e os poderosos de seus assentos confortáveis e arrancará os fortes de seus tronos (1 Henoc 46,1-4).³⁰

A imagem daquele que vem como homem sobre as nuvens e detentor de domínio e realeza, não é simplesmente a apresentação de uma figura redentora, mas uma imagem visionária ou símbolo para a restauração de todo o povo para uma vida independente. E o próprio Deus é o agente do julgamento, da vingança e da libertação.³¹

Os sonhos, as visões e a leitura que os perseguidos vão elaborando da conjuntura revelam ao mesmo tempo o seu jeito de viver e os seus projetos de esperança. A construção do imaginário é desconstrução das imagens de opressão e de aniquilamento. A literatura apocalíptica ironiza os projetos do poder. Quebra a força das imagens do medo, da violência e da opressão. A leitura de Daniel (narrativa, sonhos ou visões) nos impulsiona a descobrir os seus sonhos e projetos de esperança, o seu rosto e a sua leitura irônica e satírica do poder estabelecido.

Para Richard Horsley, as visões apocalípticas trazem uma tríplice mensagem: *Deus, por estar em última análise no comando dos acontecimentos históricos, a) julgará os governantes opressores imperiais e/ou domésticos; b) restaurará ou renovará o povo que agora está sofrendo perseguição ou outras formas de opressão para uma vida livre sob sua própria soberania e a soberania de Deus (reino de Deus); c) vingará os que foram martirizados pela fé antes de julgar os opressores e libertar o povo.*³² Assim sendo, as visões apocalípticas no livro de Daniel, seja nos textos narrativos (capítulos 1-6) seja nos textos de visões (capítulos 7-12), a todo o momento ironizam as relações e projetos de poder. Até mesmo a apresentação de Daniel na corte, que para muitos revela a configuração dos grupos que elaboraram e compilaram o

³⁰ Cf. A. DIEZ MACHO (Ed.), *Apócrifos del Antiguo Testamento*, op. cit., pp. 71-72.

³¹ Cf. R. A. HORSLEY – HANSON, J., S., *Bandidos, Profetas e Messias*, op. cit., p. 31.

³² Cf. R. HORSLEY. Grupos judeus palestinos e seus messias na tardia época do Segundo Templo. Em *CONCILIUM*, 245, 1993, p. 31.

livro, ao nosso ver, não passa de uma ironia e sutil releitura da novela de José (Gn 37-50). É uma grande ironia do palácio!

SONHOS QUE FAZEM GERMINAR A ESPERANÇA DE TEMPOS NOVOS

Para concluir estas nossas reflexões acerca dos sonhos que brotam na experiência e no imaginário das comunidades (movimentos) apocalípticas, gostaria de apontar alguns aspectos que já foram delineados. Queremos, contudo deixar o texto aberto com as suas inúmeras possibilidades e perspectivas. O exercício de ler e des-cobrir o imaginário e os sonhos e visões enquanto leitura e análise da conjuntura e de des-velar o cotidiano das comunidades resistentes, simplesmente é uma pequena janela na tentativa de enxergar a realidade e perceber os sonhos.

Ao redor dos anos 300 a 140 a. C., muitos lugares, muitas regiões, muitas cidades, muitas aldeias e muitas casas foram invadidas pelas novidades da nova cultura. O império helênico chega com a força das idéias, das armas e da cultura em todo o mundo. Espalharam as suas idéias e a sua cultura. Aumentaram as divisões econômicas e sociais. Reforçaram o domínio das classes ricas sobre as mais pobres. A ventania das novidades do império representava para as comunidades apocalípticas uma grande invasão comercial e cultural e, sobretudo, um jogo de estratégias e interesses políticos. No imaginário das comunidades que resistem a esse processo de invasão se delineia a esperança na busca da dignidade, da prática de justiça e solidariedade e recuperação da identidade.

Uma grande marca dos projetos de esperança das comunidades apocalípticas presente no relato dos sonhos e visões reside na ironização do poder. Ironias que são capazes de derrubar. Ironia que des-constrói as imagens do poder e combate a grande ventania. O tirano com os seus discursos, idéias e cultura não passa de um animal. Os impérios são bestas-feras, são partes de uma estátua que pode e deve cair. São fortes e fracos ao mesmo tempo. Na ironização, as comunidades que resistem ao processo de invasão e aniquilação da cultura buscam forças e descobrem que elas são fracas e fortes ao mesmo tempo. No imaginário e na construção da esperança, as comunidades apocalípticas caminham na certeza da vitória e na derrocada dos tiranos e poderosos.

Na esteira dos sonhos apocalípticos do livro de Daniel faz-se necessário buscar projetos diferentes na esfera política, social, econômica e religiosa. É preciso semear sonhos, regar sonhos, cultivar sonhos para colher vida nova e nova sociedade. Vamos contar os sonhos, ironizar o poder e cantar a vida.³³

³³ MOXUARA. *Fim da História*. CD Quarto Crescente, 1996.

Já é possível dizer que morreu.
Que o final da história chegou.
Um mundo novo encalhado
em algum lugar dessas estradas
o tempo esqueceu.

Não vá embora sem me dizer.

O homem novo quem realizará?
É preciso inflamar corações.
Que o medo não impeça as mãos
e os caminhos das novas gerações.

Não vá embora...

Quem vai fazer a semente brotar?
A terra seca regar com o suor.
A duvidar das verdades, verdades
verdades eternas.

Vê! Nada mudou.

Ainda é preciso regar a semente,
tornar o deserto fecundo.

Fecundar a terra.

Fecundar os sonhos.

Fecundar as sementes.

Fecundar o homem.

Fecundar...

Em resumo: Este artigo pretende oferecer ferramentas para a leitura e exegese do livro de Daniel que leve em conta o cotidiano, o imaginário, as mentalidades e, sobretudo, os sonhos e visões enquanto busca de mudanças da realidade de opressão. Apresenta uma contextualização do livro de Daniel e concomitante a análise dos sonhos narrados nos capítulos 2, 4 e 7. Na leitura dos sonhos no livro de Daniel (capítulos 1-7), tendo como perspectiva o imaginário e o cotidiano, descobriremos uma profunda análise da conjuntura e um belíssimo projeto cotidiano-comunitário dos grupos oprimidos e perseguidos. Projetos ávidos de esperanças e de ironias apocalípticas.